

ÍNDICE

1 – Prefácio	
2 – Apresentação	2
3 – Agradecimentos	3
4 – Segredos	5
5 – Quando a vida diz sim	7
6 - Desejos de Mulher	10
7 – Uma peça do Imaginário	12
8 – A roda da fortuna	14
9 – Alarme em pane	16
10 – Tear	18
11 – Felicidade	19
12 – Trajetória	22
13 – O inesperado	23
14 – Sob a regência do fogo	25
15 – Renascer	28
16 – Política da boa vizinhança...	29
17 – Rendição	31
18 – Meu jardim	33
19 – Recomeçar	34
20 – Bifurcação	36
21 – Ventos do norte	37
22 – Tempo de semear, tempo de colher	38
23 – Dignidade	42
24 – O par que atraímos	43
25 – Quebrando grilhões	45
26 – Lealdade ou fidelidade?.....	46
27 – Autenticidade	49
28 – Olhar de serpente	50
29 – Fênix	53

30 – O côncavo e o convexo	54
31 – Pacto de morte	55
32 – Estereótipos	60
33 – A torre.....	62
34 – Apego	63
35 – Campo da fatura	65
36 – Devaneio	66
37 – Maternidade	67
38 – Confissões maternas	68
39 – Lugar certo, hora errada	71
40 – Religiosidade	72
41 – Natal	75
42 – Páscoa	77
43 – A força da disciplina	78
44 – A bússola	79
45 – Reflexões	82
46 – A tribo	83
47 – O encontro	85
48 – Saudade	86
49 – Intimidade	87
50 – O que é, o que é	88

CLARIDADE DE CORÇA OU SOB A LUZ DE FÊNIX]

Novo livro da escritora Virgínia Leal. Recebo os originais e logo percebo que a seqüência de *Caleidoscópio da Vida*, se não o supera, iguala. Ou melhor, avança, evolui a escrita literária, rica de análises e farta de situações postas pela existência a todos nós. Cada vez mais crescentemente em ascensão palpável é o trajeto célere e fértil dessa jovem que se revelou na UBE, para nosso orgulho.

Esta constatação, jamais gratuita, demonstra a força dessa escritora e permite que auguremos uma carreira literária pródiga de êxitos, com escritos que atizam a comum consciência dos que necessitam de apoio existencial ou psicológico para rodar com a vida, mas não renunciam a um texto de sabor literário, e estilo próprio.

Tivemos o privilégio de acompanhar a evolução (rápida, mas, conseqüente) da prosa forte e certa de Virgínia, através do Quarta-às-Quatro da UBE, que ela freqüenta, desde só alguns meses antes do primeiro livro (*O Caleidoscópio da Vida*, Edição Livrorápido – 2003).

Fênix é um magnífico título, belo, fecundo e apropriado: feliz. É algo impregnado de símbolos, ornado de sugestões, cativante de seguir a interação com a fábula moderna, de que se impregnam os textos virginianos.

Precisamos ir à mitologia para sentir a profundidade do simbolismo retratado no livro e avaliar o quanto a autora usa fortes e férteis analogias e lições existenciais, embasadas no alicerce clássico e mitológico, portanto tão moderno.

Ela acerta, porque somente podemos entender ou deslindar um comportamento, do ponto de vista da existência e da psicologia profunda, se o associarmos a um mito (ver Campbel).

De certo modo, Virgínia Leal atualiza os mitos antigos em busca de decifrar os modernos e penetrar na couraça do caráter que exaustivamente construímos, ao longo dos anos. Ela avalia o mal que representa envelhecermos mais do que o nosso eu, ou desenvolvê-lo contra nós mesmos (eu e o outro).

Fênix é o pássaro mitológico e fascinante, de origem etíope, e esplendor ímpar, com o poder de renascer das próprias cinzas, que se alimentava de orvalho. Quando

a morte se aproxima, sorradeira e implacável, ele constrói um espesso ninho de vergôntes e ervas perfumadas – sua pira: após consumi-lo o fogo elementar, redu-lo à cinza, e dela rebrota a ave fabulosa.

Fênix representa a ressurreição, a imortalidade, o eterno retorno, o ciclo vital, em suma, o triunfo da vida sobre a morte – e como tal foi apropriado pelo cristianismo.

Lya Luft – que Virgínia Leal não conhecia – pode servir de termo de comparação, especialmente – *mutatis mutantis* – o livro *O Rio do Meio*.

As qualidades básicas da escritora Virgínia Leal são:

1. Textos significativos ou flashes da existência, do cotidiano psicológico, ou seja, temas que nos acossam, açoitam ou permeiam nossa vida; que perfazem o dia-a-dia humano, mas que nos escapam, e em *Fênix* são cristalizados.
2. A partir de um fundo (ou conteúdo) rico e consistente com a vida das pessoas – em especial, mulheres – Virgínia Leal dá-lhe forma magistral, transfigura-o sem jargões psicológicos, de modo a

facilitar a assimilação do leitor ou leitora.

3. Textos curtos, breves mas velozes do ponto de vista de recepção, e de tal modo expressos, que criam uma atmosfera de familiaridade, de diálogo e de comunicação direta, porque oferecidos poeticamente, e em especial, à alma da mulher.
4. Como no livro anterior, as crônicas existenciais de Virgínia Leal são elaboradas a partir de uma pesquisa interior e objetiva, do espírito e da vida, com epígrafes apropriadas a cada texto, e poemas em prosa e em versos. Vale dizer que Virgínia, pela via da literatura – crônicas lírico-analíticas – chegou a si mesma e ao objeto, em tal amplitude, que lhe faculta chegar a nós, enquanto outro, isto é, chegar ao encontro do leitor e da vida.

Seus textos são
pequenas telas, graciosas e
profundas, que a artista desenha
e colore, com minúcia e
objetividade, da vida de cada
um, que ela descobre, ao retirar
o excesso de mármore da dor,
do medo, do impreciso amor,

expostos dentro de um enfoque psicológico original.

A partir do axioma de que cada fenômeno mental que modela o comportamento afetivo ou emotivo tem um significado, ela recorta-o e rapidamente, com precisão e argúcia, disseca-o (com bisturis psicológicos), isola e interpreta esse signo, com pertinácia e eficiência.

A pinça verbal de Virgínia Leal expõe a alma e seu avesso, propicia um mergulho no ego e suas brumas, de modo a criar uma brisa branda em nosso espírito, que desfaça sombras e temores, brotados do íntimo ou produtos de quimeras irresistíveis.

Cabe, como luva, a definição de Susane Langer de obra de arte, em Virgínia

Leal e seus textos: uma forma expressiva criada para nossa percepção, através do sentimento ou da imaginação, que vise exprimir o humano, em toda sua realidade somática, simbólica e psicológica.

Sente-se ao ler Virgínia Leal – e receber o alento, quase físico, de sua escritura – o desiderato, o firme propósito de buscar o transformável ou o aperfeiçoamento do eu – ou do self; sente-se nitidamente que a autora realiza múltiplas escavações do íntimo, e com o barro da alma nas mãos espalma o sentimento do mundo (ver CDA).

Para Virgínia Leal a alma não é substância, mas perspectiva, um ponto de vista sobre as coisas mais do que a coisa em si.

Textos encantatórios e profundos, revestidos em linguagem criadora são os dessa jovem e fecunda escritora, destacando-se a última crônica que encerra o livro transformador como a garça que se chama *Fênix*.

Encerro esse sondar tão forte, com a visão de que a fonte flui e o poço estagna. No entanto, a fonte não tem tempo para reflexos e o poço enche-se de

estrelas. Antes, porém, uma imersão na essência do texto dessa promissora autora, uma reflexão genérica aplicável aos dois livros e aos futuros.

Virgínia Leal nos ensimesma (com Fênix) e logo liberta desejos, angústias, êxtases, medos, ressurreições; abre imenso leque de saídas (ou tentativas) e de incisivas buscas pelos eus feridos das leitoras, derrotadas no dia-a-dia, pelo simples decorrer frágil da história comum de cada uma.

Advinha-se, nos temas a que se lança, perigosa e cuidadosamente, a autora, eco de gritos fundos, apelos de êxtase e desespero, gestos de dor e desamparo que sua escrita sana ou visa eliminar.

A literatura dialoga com o conhecimento de si e do outro, introduz um ângulo ou um corte reflexivo entre ou dentro das palavras, de modo a ressaltar o veio de vida e o húmus humano, de que floresce a civilização.

E é graças a essa intimidade com as pessoas (ou o “pessoal” diverso de cada um), objeto de suas crônicas existenciais, que Virgínia Leal alcança um

patamar tal que a inscreve entre os poucos escritores que fazem paralelo com Lya Luft.

Chega-se a perceber que, mesmo teoricamente fictas, existem realmente (nos são familiares) as pessoas sobre que Virgínia Leal aplica sua análise e lança seu juízo, abalizado e objetivo, moldado por sua sensibilidade e vivência.

Decorrente da capacidade de criar o texto, a escritura, que incida sobre a álgebra da existência (afetiva, psicológica, mas também física), Virgínia Leal busca e alcança uma equação razoável, mesmo – ou por causa – desprezando axiomas já vencidos, métodos falhos ou dualismos estéreis (de carne e espírito). E, desse modo, ela desnuda as incógnitas da alma e expõe a pele de nosso íntimo.

À medida que o escritor (Virgínia Leal) tem (ia escrevendo “inspiração”) ou dispõe de uma cosmovisão adequada à época, datada na “experiência vivida, que renda o tempo, e a ele é concedido o privilégio de narrar com arte, fundo e forma dão-se as mãos, em benefício dos possíveis leitores (e das necessárias leitoras).

Ao receptor (a quem leia os textos de Virgínia Leal) oferecem-se possibilidades cognitivas insuspeitadas: indubitavelmente maiores do que em qualquer manual de auto-ajuda, vazado em linguagem psicológica (técnica), com terminologia esotérica ou artificial, meras palavras de conforto e boa vontade e apelos bafejados de emoção vazia.

O texto virginiano implica conhecimento da vida, sensação de liberdade, domínio da existência, força de ser.

Em síntese, Virgínia Leal prova que a literatura não é um passatempo, nem um meio de evasão da realidade, mas forma de avaliar, dissecar, revolver, compreender e fazer evoluir a condição humana.

Vital Corrêa de Araújo, admirador do método e modo virginiano de narrar, é Presidente da União Brasileira de Escritores – UBE.

*Viver é arte
Conviver, sacro ofício
Felicidade, requintado artesanato
Artífices somos de nossos destinos*

APRESENTAÇÃO

Se a claridade mínima que exponho com minhas palavras tornar um só vivente mais humano, já terei atingido o meu objetivo. Luciene Freitas

Quando escrevi “Página em Branco”, texto que encerrou meu primeiro livro, “O Caleidoscópio da Vida”, tive a nítida sensação de que outras percepções estavam a caminho, um novo estado d’alma. Não planejo o que escrevo, simplesmente vem. É fruto do momento experienciado, dos ingredientes contidos no cadinho. Tenho uma proposta, sim. Falar sobre felicidade, alegria, registrar momentos de bem-estar, de prazer. Fênix vem revelar que não há mais necessidade de contrastes. O sofrimento agonizante chegou à exaustão. A renovação está por acontecer. Estejamos atentos às efêmeras alegrias cotidianas, aos pequenos sucessos, às súbitas ondas de bem-estar. O simples permite o tranqüilo transitar na ciclicidade dos eventos. Aquece a alma congelada. Desvela enigmas. Dissolve labirintos. E, por Fênix conduzidos, evolaremos-nos.

AGRADECIMENTOS

Alguém especial
minha vida permeia
de forma ideal.

Fiel companheiro,
meu bom guardião
é alegre e matreiro.

Divide sucessos,
Dores, alegrias,
Fugas, retrocessos,
Furor, calmaia.

Páginas em branco
Doa com alegria
Grata pela bênção
De sua companhia.

*Aos artesãos das idéias
de quem sorvo etérea arte,
não sonégam sábio aparte
nem dissimulam emoção.*

*Aos poetas desta terra
qual a honra conviver,
e desfrutar a atenção.*

SEGREDOS

Não existem segredos. De uma forma ou de outra, o que está oculto é adivinhado. E o que era alfinete vira torpedo.

Não gosto de segredos. Sinto-me vulnerável diante deles, pressinto omissão. Preencho lacunas, sondo entrelinhas, examino a ponta do iceberg. Procuo por motivos, faço conjeturas, tiro conclusões.

A necessidade de clareza me impulsiona a desvendar mistérios, decifrar enigmas. Teorias me atraem, porque trazem respostas e elas me levam a outras perguntas, abrindo-se, assim, sucessivas portas.

O conhecimento não pode ser privilégio de alguns eleitos, por isso não aceito sonegação, por mais bem intencionados estejam aqueles que o fazem a título de “não jogarem pérolas aos porcos” ou por julgarem estar poupando perturbação ou sofrimento.

Se a Verdade liberta, aquele que tem acesso à fonte e a oculta, mantém no cativeiro da ignorância seu semelhante.

Não tenho pretensão de ter respostas. Compartilho minhas inquietações e os caminhos que escolhi no vale de experiências, seja no plano físico, emocional ou espiritual. Não tenho compromisso com o engessamento de idéias. O que afirmo são frutos de percepções em um determinado momento de aprendizado.

Jogo sementes que pude colher, na esperança que algumas germinem, flores espalhem o pólen nas mentes e frutos alimentem corações de boa vontade. Espero que desse solo fértil outras sementes me cheguem, pois a riqueza da flora está na diversidade.

QUANDO A VIDA DIZ SIM

Uma coisa interessante na vida é que se você se recusa a aceitar nada menos do que o melhor, quase sempre consegue.
W Somerset Maugham

Você já se perguntou o que faria se a vida dissesse sim aos seus mais íntimos desejos?

Vivemos tão descrentes de que é possível a realização de um sonho que, quando acontece, a perplexidade nos paralisa.

Um amigo costuma dizer: “Cuidado com o que desejas, porque podes conseguir!”. Outra afirmação conhecida é a de que, quando mobilizamos nossa vontade na realização de um desejo, o universo conspira a nosso favor.

No afã de obter o desejado, entretanto, nem sempre temos plena consciência do que estamos buscando ou do que iremos encontrar. Nossa percepção de mundo é fragmentada e é comum voltarmos a atenção para parte da realidade.

Quando desejamos adquirir uma casa, não consideramos a responsabilidade decorrente, dos cuidados e despesas com manutenção, da segurança e pagamento de impostos .

Ao aspirarmos a um bom emprego, não avaliamos o desgaste físico, intelectual e emocional a ser despendido no exercício de seu ofício, o esforço exigido para manter-se atualizado, a limitação de tempo para a família e lazer.

E o que dizer do sonho de estabelecer uma relação afetiva harmoniosa? Queremos tanto cumplicidade, entrega, intimidade, mas ignoramos o empenho, a dedicação, a energia necessária para a manutenção de uma relação profunda assim. Já dizia Antoine de Saint Exuperi que nós somos responsáveis por aqueles que cativamos.

A primeira reação, ao constatarmos que obter e manter um sonho dá trabalho, é supervalorizarmos os obstáculos e desafios, em detrimento dos benefícios que a conquista pode trazer. Não estamos acostumados a pagar o preço do que queremos. Temos uma visão romântica de contos de fadas, em que basta o giro da varinha de condão e o sonho será realizado

e sobreviverá, independentemente, de qualquer interferência nossa.

A realização de um desejo é algo mágico, sim, pois só os que acreditam naquilo que não podem ver é que podem atravessar o portal dos sonhos e transportá-lo para a vida. Mas não podemos esquecer que todo sonho é tênue, sutil, etéreo e que a força dos sentimentos, materializada em carinho e dedicação é que irá mantê-lo vivo. Se não alimentarmos nossos sonhos, os ainda não manifestados, os que já são realidade, favoreceremos o seu retorno à origem ou o deslocamento para outras paragens. Recusando-se a serem tratados como pesadelos, procurarão quem os melhor cultive.

DESEJOS DE MULHER

O que a mulher deseja?

Driblar o tempo
e sua alma nua
brincar com a lua

Cabelo ao vento,
Nos pés o mar,
lagartear.

O que dá prazer à mulher?

Chegando em casa
O sutiã tirar
Sapatos ao ar

Liquidação todo dia
O prato preferido
Chocolate escondido.

Amigos, muita conversa
Cerveja gelada à beça
Rir, sorrir, gargalhar.

O que faz a mulher feliz?

De quando em vez
Ser seduzida
Café na cama

Apalpes frenéticos
Promessas picantes
Na porta da rua

A ternura, o alento
De ver o pequeno
Serenos a dormir.

O sonho de toda mulher?

Camisola, pijama
Na cozinha o aroma
De cuscuz no fogão.

Entrelaçar as pernas
Sob lençóis macios
Preguiça de domingo

Do que a mulher precisa?

Explicação não dar
Do humor a oscilar
Momento de solidão.

Milagre se faça
Alcançar a graça
De ser entendida.

PEÇA DO IMAGINÁRIO

Desde jovem divirto-me observando pessoas e a elas emprestando qualidades. Deduzo se é casada ou solteira, se mora só, o que faz, elaboro sua história de vida.

Hoje, estava no ponto de ônibus e vi, à minha frente, a Agência do Banco onde meu filho trabalha. Imaginei, de imediato, um assalto. Meu filho tomado como refém. Vi-me entrando, rapidamente, rendendo o assaltante. Sua reação provocou o disparo que o atingiu. Ao vê-lo, esvaindo-se em sangue, estendido no chão, aproximei-me e falei:

Não queria vê-lo nessa situação, mas entre você e meu filho, não tive escolha.

Enquanto criava esta fantasia, pensava em como era divertido isso estar acontecendo dentro de mim, e as pessoas, ao redor, não perceberem.

Chego em casa e constato, surpresa, que meu filho não chegou. Pergunto ao irmão, nenhum recado, nenhuma notícia. Veio então

a imagem de minha fantasia e confundiu-se com a realidade. Passada mais de uma hora de seu habitual retorno, dirijo-me ao Banco e o encontro fechado. Alguém me atende, diz que ele atrasou-se e saiu há pouco tempo. Volto para casa, nada dele chegar. Finalmente o irmão consegue contatá-lo pelo celular. Resolveu acompanhar um amigo que estava inconsolável com o desaparecimento do primo. Só o carro foi encontrado. Reflito sobre o pensamento que diz que a “arte imita a vida”. Vou dormir, aliviada.

A RODA DA FORTUNA

Maturidade é a capacidade de suportar as incertezas da vida.
Jonh Finley

Muito se fala sobre o determinismo do destino, uma força implacável que nos arrasta por caminhos imprevisíveis e inevitáveis.

Será? Creio ser possível esquivar-se do impulso, agarrar-se a uma pedra ou a um tronco, mesmo quando a correnteza é forte. Às vezes, tomamos um desvio, ao tentar seguir o fluxo. Há quem fique à margem, não arrisca por o pé na água.

Ainda que haja um planejamento divino, é sempre decisão nossa procurarmos uma estrada mais comprida, um atalho ou um desvio.

É claro que quanto mais nos debatermos, mais cansados chegaremos ao fim do percurso. Pode ser que até isso seja necessário, para ter braços fortalecidos e poder enfrentar tempestades.

Em qualquer escolha, haverá um aprendizado e ele nos colocará de volta no curso, muitas vezes, de onde o interrompemos.

Mais importante que chegar ao destino é seguir consciente o trajeto.

ALARME EM PANE

Quarta-feira, última aula do curso de evolução da consciência. Meu objetivo? Educar a mente. Enquanto o palestrante falava, olhava para o relógio. Pretendia sair no intervalo, que não aconteceu. Prometi chegar mais cedo a casa. Não queria frustrar a expectativa criada. Chovia, trânsito incomum para o avançado da noite. Uma moto , ao ultrapassar meu carro, por pouco não o fechou. Critico o condutor, sem me dar conta de que estou a oitenta quilômetros por hora. Não percebi que parte de mim tentava me manter no agora enquanto outra divagava. Quando saí do transe havia um carro parado a poucos metros. Segundos intermináveis mostravam a angústia dos passageiros que observavam impotentes a aproximação do veículo. A colisão foi inevitável. Meu corpo balançou violentamente. Doía a coluna e o pé que estava pressionando o freio. Senti tontura. Minha atenção continuava voltada para o carro vitimado. Esperava aflita a saída dos passageiros, algum sinal de lesão. Um rapaz ainda montado na bicicleta pedia que eu baixasse a janela, queria ajudar. Recuperada do susto, observo que todos estão bem. As

vítimas cordatas. Providências tomadas, retornamos a nossas casas.

Uma semana depois, estou num posto de gasolina e observo o abastecimento. Minha atenção foi atraída para outro do lado da bomba. De um salto, chego até o motorista, seguro o seu braço e pergunto:

- o que você está fazendo no meu carro?

Imediatamente percebo meu insano equívoco e desato a rir.

- Seu carro, ao menos, é da cor do meu? sorriu o agredido, divertido com a situação. Mais uma vítima dócil, para minha sorte.

Só então, constatei que meu mecanismo de alarme estava em pane. Começou a desarticular-se quando não respeitei a necessidade de repouso do corpo, não dei descanso à mente. Por estarem sobrecarregados, falharam quando deveriam ser acionados. Ignorei a urgência da correção e continuei no mesmo ritmo. Agora, foram acionados na hora errada.

A natureza é sábia, basta obedecer-lhe para se ter uma vida equilibrada.

Não basta ouvir os sinais. É preciso entendê-los e segui-los.

O CÔNCAVO E O CONVEXO

Ao devaneio, justa razão
Ao sonho impune, olhar atento
À dureza do verbo, sutileza do encanto
À crueza da paixão, serena reflexão
À aridez do ofício, contemplar da miragem
À sofrida quimera, pureza da mente
À ruína da razão, assombro da revelação
Eco das ideologias, abafando fantasias.

Letras de constelações
Símbolos de epopéias
Imagens, dissertações
Louvo o apascentar de idéias.

FELICIDADE

Ser feliz dá trabalho, requer disciplina, autoconhecimento, perseverança em desenvolver virtudes, disposição para ampliar o conhecimento e entendimento sobre a vida, sobre a morte, sobre a dor, sobre o sofrimento inerente à vida humana, além de empenho em cuidar da autoestima. Thais Accioly

Há momentos em que determinadas pessoas nos despertam interesse. Parecem estar de bem com a vida. No nosso devaneio, achamos isso natural e fácil, e não entendemos como não conseguimos esse estado de graça. Estarão elas, de fato, de bem com a vida ou estaremos fantasiando? O certo é que procuramos no outro uma pista para alcançar a felicidade.

Quem busca felicidade fora, nunca se livrará do vazio que só pode ser preenchido no Manancial Universal. Estará sempre, mesmo sem saber, vampirizando energia dos desprotegidos e desavisados, provocando reações de rejeição por quem é capaz de captar o desequilíbrio. É preciso

entender que a galinha do vizinho pode ser até mais gorda, mas, por não ter sido por nós alimentada, ao tentar roubá-la, podemos destruir os ovos de ouro.

A nossa percepção está em harmonia com nosso estado interior. As qualidades estéticas não pertencem ao objeto observado, são atributos do observador. O mesmo percurso feito diariamente pode ter um colorido especial no dia em que estamos alegres. Quando estamos deprimidos, percorremos vitrines e nada nos atrai, tudo parece sem graça.

Nos momentos de equilíbrio, podemos nos sensibilizar com o por do sol, música, dança, criança brincando. Quando não, pode tudo isso ser motivo para tristeza ou irritação. A depressão nos impede de vivermos a experiência, de estarmos presentes. A euforia exacerba os estímulos captados pelos sentidos, exagera qualidades e sentimentos projetados naquilo ou naquele que observamos. Passado o “surto”, vem a “ressaca”, ficamos prostrados. Daí a necessidade de procurarmos o caminho do meio.

Todas as filosofias e religiões são unânimes em afirmar que a felicidade encontra-se dentro de nós. Não é sem razão.

Será sempre efêmera e incompleta aquela projetada em algo ou alguém. O processo é exatamente inverso. É preciso empenho para desenvolver e conservar harmonia. Ser feliz não é estar sempre alegre, é viver o processo de crescimento, alegre ou triste. Vale a pena!

TRAJETÓRIA

Mente sarjeta, boca profana
Respiração ávida, pelo eriçado
Face crepitante, corpo tétrico
Rosto entrincheirado, poros jorrando
Mãos oásis, braços aguerridos
Semblante impassível, olhos vespertinos
Signos em emoção forjados.

A voz rudimentar do choro.
Entre quero, por que, já sei e tanto faz.
No auge da contemplação, jaz sereno o verbo.

O INESPERADO

Hoje vivi algo que só acontece a cada quarenta anos. Canto enquanto dirijo. Percebo alguém me observando. É um homem lindo. Fico constrangido, viro o rosto, paro de cantar. Dou uma brechada, ele continua olhando. O sinal abre, sigo adiante. O trânsito pára novamente, ele emparelha comigo e me encara. O olhar é de curiosidade. Fico intrigado. Os carros se movem, e ele se esforça em manter-se a meu lado. Numa bifurcação, saio da via principal, ele percebe e faz uma manobra desastrosa, só para me acompanhar. Penso: o que se faz numa situação como essa? Posso seguir adiante, e nada acontecer. Posso parar, e tudo acontecer, até um assalto. Decido parar. Ele também pára. Desço do carro e o cumprimento.

- Olá, tudo bem?

- Tudo bem... Não sei o que deu em mim, nunca fiz isso.

- Bem, estou apressado, vou me encontrar com uns amigos.

- Vim do oculista, estou com as pupilas dilatadas.

- Ah! Então foi por isso que você me encarou? Rimos).

- Olha, se você estiver interessado, ligue para mim.

- Eu não vou fazer isso, estou confuso, não sei se estou interessado.

- E se depois você achar que está interessado? Não poderá me encontrar se não tiver meu telefone, não é mesmo?

- Está bem.

Despedi-me, achando tudo muito intrigante, mas excitante. Desta vez, não fiquei ansioso por ligação, apenas não me omiti de uma situação em que fui desafiado. Do resto, a vida se encarrega.

SOB A REGÊNCIA DO FOGO

*O otimismo é a fé em ação.
Nada se pode levar a efeito sem
otimismo. Hellen Keller*

O relógio não despertou, faltou água e é preciso percorrer dez lances de escada porque o elevador está quebrado. No exato dia em que o atraso não podia acontecer, aquele cliente especial está à espera. Germe mutante se instala, primeiro na forma de frustração e raiva, até virar desânimo.

Não se pode negar que há períodos em que as dificuldades se acotovelam em tal proporção, que é tarefa hercúlia manter o otimismo. O desafio, no entanto, capacita para a superação, o imprevisto e a criatividade.

A vida é um jogo de vídeo game, procuramos fazer o maior número de pontos. Algumas vezes perdemos o jogo, então começamos outra vez. Se há um obstáculo no caminho, podemos destruí-lo ou saltar sobre ele. Utilizemos as armas disponíveis no percurso.

Manter o ânimo favorece adaptabilidade aos imprevistos, flexibilidade para aceitar o retardamento de planos e desapego aos resultados.

É preciso cultivar bom humor, alegria, entusiasmo e otimismo. Rir dos próprios desacertos, de si mesmo. Ter projetos motivadores, paixão em tudo que se faz. Terá sempre o otimismo do jovem quem se surpreende com novidade.

*Constante harmonia?
Privilégio dos anjos.
Tremores precedem acomodação do solo.
Do estado de ânimo depende o sucesso*

RENASCER

A voz do silêncio
Provoca arrepios
Por que este vazio
Tão cheio de sombras?

Vibra intensa emoção
De ânsia, devaneio
Desatino, aflição
Vertigem, receio.

Amarga saliva seca
Corpo todo si contorce
Sólida lágrima pesa
Imagem de si distorce.

Sobressalta o coração
Presente notícia ruim
Desejo não tem razão
Angústia não pede fim.

Consumido na sanha
Lucidez, duro fardo
Dilacera as entranhas
o gemido de parto.

POLÍTICA DA BOA VIZINHANÇA

Saí de casa contrariada, já era a segunda vez que a vizinha de baixo reclamava de água pingando em sua janela. E quando chove, ela reclama a São Pedro?

Atrasada, vou à locadora de vídeo. A atendente não tinha pressa. Conversava, como se não tivesse ninguém à sua espera. Sem eu pedir, introduziu-me na conversa:

Sabe, essa pessoa de quem falo é uma ex-vizinha, uma senhora de cerca de setenta anos. Tudo começou no dia em que ela veio me aconselhar a não receber em casa uma adolescente, por ter má reputação. Disse-lhe que freqüentava minha casa quem eu queria. Ela sentiu-se ofendida, então seu filho, ex-presidiário, passou a me provocar. Fazia ronda, com um 38 na cintura.

Um dia, tropecei em ossos humanos no meu terraço. Fiquei tão apavorada que não voltei mais para casa, meu marido providenciou, às pressas, a mudança.

Pois não é que ele prestou queixa de que o chamei de marginal? Agora estou respondendo processo, você acredita? Algumas pessoas se ofereceram para ajudar.

Querem apagá-lo, e não acho isso solução. Afinal, sou espírita, sabe?

Enquanto escutava aquele relato tão esdrúxulo e contraditório, pensava no meu pequeno problema condominial. O recado estava explícito. Interrompi o monólogo, a pretexto do horário de trabalho, voltei ao meu prédio e pedi ao zelador para examinar, mais uma vez, o escoamento d'água do ar condicionado. Afinal, ninguém quer que um gotejamento, aparentemente, inofensivo se transforme em tempestade, não é mesmo?

RENDIÇÃO

O poder pode ser alcançado por meio do conhecimento; mas só o amor nos leva à perfeição.

Tagore

Muitos se perguntam se existem realmente almas gêmeas, se viver um grande amor é possível, se há alguém especial esperando por nós. Esperamos que, ao encontrar essa pessoa, todos os nossos problemas acabem e vivamos um conto de fadas.

Há quem diga que as pessoas não se entendem porque não existe afinidade entre elas, querem da vida coisas diferentes. Entretanto, coisas pequenas como roncar, falar alto demais ou esquecer a pasta de dentes aberta podem ser motivos para desgastar e até acabar uma relação.

Cada vez mais penso que o amor não tem lógica, não segue um padrão, desafia regras e convenções. Quando ele surge, aceitamos no outro aquilo que era insuportável em outra relação. E por quê? Porque simplesmente nos rendemos. A entrega quebra barreiras e preconceitos. Mostramo-nos como realmente somos, por inteiro, perdemos o medo, até, de nós

mesmos. A cumplicidade se estrutura na rendição. Não temos que esconder nada do outro, pois nos sentimos protegidos pelo amor, que tudo acolhe.

Não sabemos quando, onde e com quem ele irá aflorar, portanto não devemos escolher as pessoas pela lógica, mas pelo coração, o grande guia que irá nos conduzir à rendição de nós mesmos, diante de algo maior, pleno e vibrante: o amor.

MEU JARDIM

Ofereço-te flores, muitas, variadas e especiais flores.

Flores do campo, em homenagem à natureza lúdica que fez par com minha criança interior.

Lírios brancos, a perfumar teu coração acolhedor de minhas intemperanças.

Girassóis, a nortear tua mente criativa e ágil.

Orquídeas, a te inspirar a constante renovação do amor na ciclicidade da vida.

Rosas vermelhas, a alimentar a pira da paixão.

Rosas amarelas, a te envolver no manto feminino da Sabedoria Divina.

Seja eu o buquê etéreo que ornamenta tua alma nas muitas existências compartilhadas.

(A meu amado Gilmar)

RECOMEÇAR

Dois importantes fatos, nesta vida, saltam aos olhos; primeiro, que cada um de nós sofre inevitavelmente derrotas temporárias, de formas diferentes, nas ocasiões mais diversas. Segundo, que cada adversidade traz consigo a semente de um benefício equivalente. Ainda não encontrei homem algum bem-sucedido na vida que não houvesse antes sofrido derrotas temporárias. Sempre que um homem supera os reveses, torna-se mental e espiritualmente mais forte... É assim que aprendemos o que devemos à grande lição da adversidade. Andrew Carnegie a Napoleon Hill

Diante de cenário que pareça familiar a situações dolorosas já vividas, sinal de alerta é disparado, dispnéia se instala e fugimos para nossa caverna. Não queremos repeti-las. Fantasiamos situações, pesadelos invadem o sono outrora tranqüilo e procuramos vestígios de atitudes suspeitas, na ânsia de alguma certeza.

Semelhanças existem, sim, até, porque “ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”. O passado pode até se repetir. Ao não querermos abrir mão do papel de vítimas, reproduzimos um padrão que, paradoxalmente, provocará o contexto que queríamos evitar.

Enquanto vivermos essa ambigüidade, não atrainemos felicidade. É preciso despedir-se do passado, seja ele bom ou ruim. Recomeçar é acreditar na novidade, cada experiência viver como se fosse a primeira, sem paradigmas. Confiar na bússola interna, mente e coração virgens.

Risco não é desculpa para inércia, pois, até, mesmo nela, ele existe. É ferramenta para construção da prudência. O sol ameno e prazeroso de primavera só pode ser desfrutado se sairmos do quarto frio e úmido.

INTIMIDADE

Manhã de sábado, preparo-me para o encontro com meus irmãos numa praia distante. Tenho recebido queixas por minha ausência. Nada da empregada chegar, e o marido está com pressão alta. Estou dividida entre atendê-lo e a família. Não quero deixá-lo sozinho, doente. Começo a arrumar as coisas, às pressas. Ele observa e comenta:

- Calma, você está muito acelerada!

Uma pessoinha dentro de mim começou a questionar:

- Será que ele não percebe que tenho motivo para estar acelerada?

Por que tinha que fazer esse comentário?

Na verdade, o que mais me afeta é perceber o quanto sou “transparente”. Não quero que sejam vistos aspectos que me desagradam, muito menos que os aponte.

Será que intimidade é isso? Estar exposta ao outro, sem defesas? Por mais que eu negue, não convenço, apenas, crio conflito.

Por que omitimos o que estamos sentindo?

Houvesse carinho, respeito e, acima de tudo, generosidade, teria confiança no acolhimento, na cumplicidade.

Acomodei as coisas no carro, liguei o rádio, dei partida. Pensava em como dizer tudo isso, enquanto ele, já medicado, cantarolava alegremente.

FAMÍLIA SÓ SERVE PARA TIRAR RETRATO?

Você aprende noções de ética, cidadania, ecologia e algumas regras de comportamento politicamente correto. Para completar, converte-se a uma religião. Aí, começa a reprovar a conduta de seus colegas, amigos e parentes. Vai deixando pessoas para trás, não se encaixam em sua nova forma de ser. Um dia, percebe que está só. E aquelas pessoas mal educadas, fofoqueiras, que só lhe procuram para trazer problemas ou para pedir ajuda vão muito bem, obrigado, e continuam juntas. Neste momento, você questiona se a vida é justa.

Acompanhei a história de uma amiga. Esgotada da labuta, única responsável pela educação dos filhos, resolve voltar à terra natal, em busca do apoio da família. Para sua tristeza, não teve o amparo esperado. Criticou os irmãos, que cobravam juro uns dos outros, da invasão de intimidade, da maledicência entre eles. Entretanto, ela era a única que não se integrava ao grupo.

É fácil conviver superficialmente com colegas de trabalho, abandonar amigos, ser indiferente a vizinhos. Não podemos, entretanto, negar nossas raízes, ou desmanchar um casamento porque o marido

não seleciona o lixo ou não quer ir à igreja aos domingos.

É fato que as pessoas se aproximam por afinidade e se distanciam por incompatibilidade. Devemos considerar, entretanto, que não existe uma única pessoa no mundo que pense e sinta igual a nós. Que grande parte dos desentendimentos surge da obstinação em querer que as pessoas sigam o mesmo caminho.

A família é o grande desafio de convivência, talvez, por isso, as religiões tenham introduzido conceitos rígidos sobre honrar pai e mãe, e amar os irmãos. Até a lei pune quem não assume as obrigações decorrente do vínculo familiar. Favorece o esforço para manter uma relação harmoniosa. Lamentavelmente, a maioria sustenta um nível superficial de socialização, mantém as aparências.

A família é a nossa primeira referência de relacionamento e a base de comportamento para todas as demais relações. Se é razoável não fazemos concessões que violem nossa percepção da verdade, arrogante é a atitude de quem envergonha-se ou repudia suas origens, seja qual for o motivo, pois, na verdade, está demonstrando que é inapto para exercer a

tolerância. Somos responsáveis pelo que sentimos e quanto estamos sós é porque nos isolamos. E o isolamento sofrido denuncia a falta e a importância da família em nossas vidas. A responsabilidade em promover a união será maior para aqueles que já assimilaram, ainda que a nível racional, as regras de bem viver, porque muito será pedido a quem muito foi dado.

RETRATO DE FAMÍLIA

Revoada de pássaros.
Cheiro de terra molhada.
Aroma de cozinha.
Almofadas sobre o sofá.
Verde do jardim.
Colorido da fruteira.
Latido alegre do cão.
Travesseiros espalhados na cama.
Balanço de rede.
Almoço de domingo.
Conversa ao terraço.
Brincadeiras no quintal.
Cantigas de ninar.
Álbun de fotografia.
Detalhes que fazem de uma casa, um lar.

FAMÍLIA DESFUNCIONAL

Há bem pouco tempo, li essa expressão: família desfuncional. O texto fazia menção às causas do comportamento compulsivo.

A primeira impressão idéia que me ocorreu foi a de que família desfuncional seria aquela que não funciona. Daí, veio a primeira questão: como a família deveria funcionar?

Senti necessidade de retroceder no tempo, para avaliar se houve mudança no exercício dos papéis dos membros da família.

Os abastados de antigamente delegavam a tarefa de formar o caráter de seus filhos a professores residentes e os cuidados a serviçais e amas de leite. Hoje, tarefa da escola e de babás. Assim como hoje, pouco tempo era dedicado à afetividade.

O conceito de família era associado a linhagem, ou nome de família. Os deveres familiares consideravam a preservação do prestígio de casta. Por esse motivo, atitudes degeneradas, e até crimes

eram ocultados. Até hoje vemos, em famílias humildes, filhas serem expulsas de casa, por terem engravidado.

Quem sabe tenha surgido daí o conceito pejorativo de delator? Interesses econômicos manipularam conceitos religiosos, enaltecendo a indulgência e tolerância familiar. Evitava-se, assim, a desagregação familiar e escândalos eram abafados.

Não é difícil imaginar, no tempo em que irmãos moravam juntos, com suas famílias, nos castelos e mansões, o que acontecia na calada da noite, entre quatro paredes. Os abusos sexuais, humilhações e invasões físicas, morais e emocionais. E o esforço em manter a aparência de cordialidade, honradez, dignidade, respeitabilidade.

E hoje? O que muda?

Quantos maridos e esposas têm vida dupla, ocultam a infidelidade? Quantas mulheres vivem em condição indigna, fazendo vista grossa para manter o casamento? Integrantes do grupo familiar fecham os olhos diante da violência, do incesto, de abusos de toda ordem. E se alguém reage, logo é demovido da idéia pelo grupo, é reprimido.

Às vezes, é tão assustador ter que admitir que alguém que é nosso parâmetro, nosso referencial, como pai e mãe, irmão mais velho, é capaz de praticar atrocidade, e mais, contra um parente, que negamos todas as evidências. Esquecem aqueles que se omitem diante da agressão, que a vítima também é da família e precisa ser protegida.

A energia da incoerência, entretanto, não engana. Pessoas que assim se comportam vivem em constante estado de perturbação, de confusão mental e emocional. Perde o sentido de orientação, de julgamento da realidade.

Família funcional é aquela em que pai e mãe são provedores, protetores e educadores; filhos conhecem o dever para com os pais; irmãos se respeitam e se estimam. Erros são reprovados e corrigidos, e as atitudes têm conseqüências.

Família é para amparar, entretanto não se pode confundir proteção com convivência. A omissão importa em compactuar com o erro, permitir sua perpetuação, sua repetição, e que atinja novas vítimas. É fazer do lar o que o evangelho chama de sepulcros caiados.

BIFURCAÇÃO

Caminhos paralelos tomamos. Sem rumo caminhávamos. Enfrentamos sol, chuva, vendaval. Colhemos frutas do caminho. Comemos frutas que plantamos, algumas amargas.

Em um ponto, as estradas se tocaram. Você me quis. Aceitei o convite. Havia uma névoa a nos encobrir, só se via espectros. Seguimos, no escuro, tateando. Arrancamos samboques, demos topadas. Não percebemos que muros foram construídos. Nossas vozes ficaram, cada vez mais distantes, ininteligíveis.

Um dia, uma luz me atraiu e a segui. Olhei para trás, nada mais vi. No caminho havia uma bifurcação e nela nos perdemos. Para sempre?

VENTOS DO NORTE

Um dia você lamenta
O dissipar de um sonho
Estilhados de esperança
Um pesadelo medonho.

Ventos do norte labor
Cumprem da natureza
Sopram forte o torpor
Para vazar a represa.

Passam-se dias e meses
Numa manhã de verão
O espelho mostra sinais
Do desejado perdão.

Além da bruma imagens
Bruxuleiam distorcidas
Ventos do norte devolvem
A esperança enriquecida.

TEMPO DE SEMEAR, TEMPO DE COLHER

É noite... Estou num sobrado, valas profundas o cercam. Encosto-me numa coluna e observo o volume das águas crescendo, agitando-se, até formar ondas enormes. Percebo o abalo na estrutura, pressinto o desmoronamento. Apresso-me em procurar pessoas, só encontro crianças. Uma delas, pequenina, olha-me com desamparo.

A lembrança desse sonho ainda me perturbava quando o telefone tocou:

- Justina, é Livramento. Desculpe estar ligando tão cedo... É que mal dormi essa noite. Sabe aquele processo que lhe falei? Descobri que foi você quem pediu a abertura do inquérito policial.

- Bem, Livramento, achei que você já soubesse, afinal, você não leu o processo quando apresentou a defesa?

- Não me lembrava mais... Fiz um trabalho interno de esquecer tudo aquilo...

- Na verdade quero saber por que você me contratou? Afinal, para muitas pessoas sou tida como golpista...

- Vou lhe dizer. Em primeiro lugar, não traço o caráter de ninguém por um erro cometido. Segundo, acompanhei o seu desempenho profissional após a saída da empresa e não duvido que você seja competente. Depois, penso que todos têm o direito de refazer a vida e se eu não confiar no ser humano, não me sentirei segura neste mundo.

- Fico feliz que você pense assim. Olha, Justina, posso ter errado na primeira vez, realmente dei o desfalque, embora tenha tido motivos graves. Mas, neste processo, sou inocente. Só estou sendo acusada porque fui eu quem atendeu o cliente, querem um bode expiatório.

- Bem, Livramento, eu não sou infalível, e lhe agradeço a oportunidade de rever meus atos. Você poderia levar os papéis

para a empresa? Quem sabe eu possa ajudar?

- Olha, Justina, será um grande desafio... voltar à Empresa que me demitiu? Está bem, eu irei.

Cheguei ao trabalho apreensiva e ansiosa. Teria sido injusta com Livramento? Teria cometido uma falha tão grave? Não conseguia me concentrar. Minha angústia foi aliviada com sua chegada. Estava pálida e trêmula.

- Aceita um café, uma água?

- Obrigada... É... Enquanto vinha para cá, lembrei-me de uma cena do filme “A Era do Gelo...” Nela, o esquilo provoca o desmoronamento de uma geleira. É assim na vida, às vezes um ato nosso desencadeia avalanche. .

- Desculpa o desabafo... Aqui está o seu parecer...

Ao lê-lo, Justina lembrou-se do caso.

- Veja, Livramento, eu não fiz qualquer acusação, muito pelo contrário,

afirmei que não havia provas contra você. Meu parecer é sua defesa.

- Olha só, que ironia do destino, quem me condenou ontem, hoje me salva. Eu não tinha escolha mesmo... Que bom que eu confiei em você...

Quando ela se foi, fiquei refletindo:

Avalanches, inundações, desmoronamentos. Onde construímos os castelos de nossas auto-imagens? Podemos vê-los ruir? Salvemos as crianças - poder de reconstrução - e outras edificações, com bases sólidas, surgirão.

Decifrei, aliviada, o enigma. Voltei feliz à minha rotina.

DIGNIDADE

Há dois tipos de pessoas: as que fazem as coisas e as que ficam com os louros. Procure ficar no primeiro grupo. Há menos competição. Indira Ghandi

Dignidade é procurar conhecer seu ofício, e exercê-lo como ninguém. Faça sempre o melhor, ainda que o trabalho não seja reconhecido, mesmo que dele seja privado. Agindo assim, será sempre útil e necessário.

Não deixe que a incompreensão do mundo faça você se sentir indigno. Você sabe quem você é e o **Grande Mestre**, de todos nós, também.

O PAR QUE ATRAÍMOS

*A cada dia me convenço
de que o desperdício da
vida está no amor que não
damos, nas forças que
não usamos, na prudência
egoísta que nada arrisca,
e que, esquivando-se do
sofrimento, perdemos
também a felicidade.
Carlos Drummond de
Andrade*

Hoje, duas jovens me confessaram que não gostam de homens bonzinhos. Perguntei-lhes o que entendiam por bonzinho, e elas disseram que era o

homem meloso, atencioso, aquele que ligava quando ia se atrasar. Não estavam satisfeitas com os homens que atraíam, logo acabavam a relação ou eram esquecidas, mas não conseguiam se interessar por bonzinhos.

É certo que o ser humano gosta de desafios, e não é atributo apenas do masculino ser caçador. Aliás, já ouvi de alguns que quem seduz e faz a escolha é a mulher.

Uma pessoa emocionalmente equilibrada não suporta pessoas carentes, inseguras, controladoras, a toda hora solicitando-as, fazendo exigências.

Daí a só atrair homens que causam desapontamento vai uma longa distância. Penso que há um motivo para essas escolhas. Evitar uma relação íntima, profunda e inteira. Manter-se a salvo do perigo de exposição e de ser rejeitado.

Felicidade dá trabalho, sim, não é privilégio de alguns eleitos, é destino dos que não se intimidam diante das dificuldades e dos confrontos inevitáveis consigo mesmo e com o outro. Estabelecer limites, regras de boa convivência, fazer concessões e conciliar interesses exigem esforço permanente. Se não tentarmos, não saberemos quando encontrarmos nosso par. E, certamente, será

alguém que se importa e quer o nosso bem.
Esse é meu conceito de bonzinho.

QUEBRANDO GRILHÕES

Afinal agora entendo
O que naquele momento
A vida quis ensinar.

Estradas que não se cruzam
Desvios procuram, recusam
fortalecer o caminhar.

Arrebentar grilhões
Não é separar corações
É laços novos formar.

LEALDADE OU FIDELIDADE?

Viver é uma das coisas mais raras do mundo. Muitas pessoas apenas existem. Oscar Wilde

Num diálogo do Filme Frida, Rivera lhe propõe casamento e pergunta se fidelidade é muito importante para ela, ao que ela responde que pode suportar infidelidade, desde que ele seja leal.

Foi neste momento que me vi perplexa diante de um pensamento que povoou a mente. Apesar de ter em meu nome a expressão, nunca me preocupei em pesquisar o significado de ser leal.

Sempre fui defensora de expressar a verdade, a que custo fosse e paguei preços altos, não por essa crença, mas pela forma equivocada que a praticava. Sempre achei que era fiel a meus compromissos, em especial ao casamento, porque nunca tive uma experiência extraconjugal. E, agora, aquele diálogo me colocava em xeque: será que fui, de fato, leal ou apenas?

Muito freqüentemente, em conversas sociais, ouço comentários sobre jogos de sedução praticados por pessoas comprometidas e observo que as pessoas consideram tal conduta aceitável, desde que não resultem numa experiência de contato físico. É uma infidelidade perdoada.

A gravidade dessa permissividade é a total ausência de motivação em pesquisar o motivo da necessidade de sentir-se desejado, mesmo quando se tem uma relação estável e, até mesmo, satisfatória.

Faz-me lembrar da cumplicidade entre alcoólicos, indulgentes com os vícios do grupo, em vez de se unirem para eliminá-los.

Essa mesma atitude pode ser estendida a outros aspectos da vida, a

exemplo da conduta protetora a um colega de trabalho, na ausência, atrasos e desculpas. Estaria agindo com lealdade o amigo?

Muitas são as nuances de comportamento, no trânsito dos relacionamentos, a sinalizar se estamos sendo leais, fiéis, sinceros e verdadeiros.

Creio sermos leais, quando apoiamos aqueles que nos amam, a despeito de pensarem e agirem diferente de nós, sem, no entanto, deixarmos de ser coerentes com nossas verdades. Somos sinceros, quando não nos omitimos, não nos encobrimos na máscara de bonzinhos apenas para não desagradar, quando expressamos nossa percepção das pessoas e das situações.

A lealdade é o compromisso maior diante da vida, que permite sejamos autênticos, únicos na forma de pensar, sentir e expressar-se. Por isso, engloba a fidelidade e a sinceridade. Não podemos ser leais ao nosso Ser, se não respeitamos a individualidade alheia, se não exercitamos a compreensão, se não estamos presentes nos momentos difíceis de quem amamos.

Penso que este seja o compromisso maior: sermos verdadeiros conosco, sinceros com o que pensamos e

sentimos, fiéis à nossa essência, sermos autênticos. Só assim, poderemos, de fato, entender e praticar a lealdade.

AUTENTICIDADE

O barro tintura os pés
Leva também solução
É pote que faz comida
Tijolo de construção.

Água corrente pura
denso lodo atravessa
Irriga terra dura
Fertiliza depressa.

Se deseja bem viver
Em ser autêntico insista
Lute por coerente ser
Com tudo que acredita.

OLHAR DE SERPENTE

*Que eu reze não para ser
preservado dos perigos, mas
para olhá-los de frente. Tagore*

O assombro pelo bombardeio de notícias alarmantes de que somos vítimas, provoca questionamentos angustiantes sobre o que pode estar acontecendo, nesse exato momento, nos bastidores do poder. Quantas tramas e conspirações, acertos de contas, disputa de interesses que poderão trazer repercussões desastrosas ao destino de milhares de pessoas. Tudo debaixo de nossos narizes, na passividade de nossas vozes, sem aviso do impacto destrutivo. Muitas são as suspeitas sobre os reais interesses defendidos

e protegidos. Somos meras marionetes nas mãos de quem brinca de ser Deus?

Vítimas de golpes cuidadosamente engendrados não suspeitam que seus hábitos e rotinas estão sendo observados. Furtos e assaltos banalizados. Colegas de trabalho, amigos íntimos e familiares violam confiança, lobos em pele de cordeiro. Cinema abala certezas com roteiros sobre o tema: *Matrix*, *Dormindo com o inimigo*, *Teoria da conspiração*. Estamos entregues aos leões?

Sentimento de impotência ativa mecanismos psicológicos de defesa, na tentativa de preservar integridade emocional. Ora aliena a percepção da realidade, ora mantém sistema de alerta, permanentemente, acionado. Depressão, ansiedade, síndrome do pânico, epidemias que assolam todas as camadas sociais. Quantos lesados deixam de acreditar na integridade humana por terem sido alvo de condutas ardilosas?

Abstraindo as situações em que a vigilância mais profunda não evitaria o dano, na maioria dos casos, a causa é a negligência na proteção de interesses.

Seja por prepotência, acomodação ou dispersão, a omissão em

manter conduta vigilante e atenta nos desprotege. Com muita freqüência, somos nossos maiores inimigos, favorecemos o predador, damos munição e poder.

Recusa em aceitar as coisas como são, apego ao que temos, obsessão pelo que queremos ter mantém o véu intacto. Cedo ou tarde, o confronto será inevitável. É preciso muita coragem para enfrentar a verdade, seja ela qual for, ainda que diga respeito à nossa auto imagem. Ingenuidade não é escudo para omissão. Interação com o divino não ignora sombras. Prudentes, sim. Paranóicos, não. Coerentes com a sabedoria divina. Maduros para aceitar as incertezas.

FÊNIX

Julgas enganar-me?
Meu olho não é desse mundo
Penetra em fosso profundo
E decifra o imponderável.

Acreditas envolver-me?
Aguda é minha voz
Escudo contra algoz
É acorde, é sinfonia.

Pensas que me dominas?
Deixo que te exponhas
Para que tuas façanhas
Dê a sentença de morte.

Crês na minha derrota?

Sob vergôntas repouso
Do fogo à cinza é colosso
desponta o vôo certo.

PACTO DE MORTE

Magda era aguardada com ansiedade. Há alguns meses que não se reunia com as amigas. Foi escolhido um restaurante de cozinha japonesa, de sua preferência. A segunda rodada de bebidas já tinha sido servida, quando finalmente ela chegou. Cumprimentou a todas sem muito entusiasmo e respondeu de forma lacônica à curiosidade das amigas. Ao percebê-la arredia, desviaram o foco de atenção. Lídia prosseguiu com a narrativa interrompida com sua chegada:

- Então eu perguntei a Flávio: Karina vinha doente? Então ele disse que tossia com freqüência e caía em febre todas

as tardes. Falou que a levava às clínicas de emergência e, numa delas, ficou internada e de lá não saiu com vida. Vocês não imaginam minha indignação, nem me dei conta de que estava num velório, não era momento para críticas.

- Gente, quem morre hoje de tuberculose? Foi muito descaso! Soltou Gabriela, enquanto tentava, desesperadamente, manejar os palitos.

Carmem, que escutava atentamente, interrompeu:

- Esse Flávio é o ex-marido de Norma? Vocês estão lembradas de que ele ficou foragido um bom tempo por tê-la jogado da escada, quando a flagrou saindo de um apartamento de encontros?

Magda parou de comer e ausentou-se. Viajou no corcel da memória, até vê-se presa nas ferragens do gol que conduzia Norma ao hospital. Nunca entendeu o que aconteceu naquele acidente, como foi que o carro saiu da estrada. Viva, ainda, era a imagem da mulher que a ajudou a sair do carro e, em seguida, desapareceu.

Lídia interveio irritada:

- Carmem, não acha que está exagerando? Para que lembrar disso agora?

Ela continuou, sem atinar para o motivo da repreensão da amiga, que notara a perturbação de Magda:

- Calma, você já vai entender. Carmem pode até confirmar. Norma comentou com ela que um casal amigo havia feito um pacto de morte. Ambos com AIDS decidiram que não iriam se tratar. A mulher já morreu e os filhos do amigo estão apavorados tentando demovê-lo da idéia. Então você conta que a mulher de Flávio foi negligenciada pelos cuidados médicos.

- Mas, pelo que sei, Flávio não está doente. E que interesse teria na morte da mulher, uma pobre professora primária?

Foi a vez de Gabriela:

- Essa semana, ele esteve em minha Agência, para dar entrada no resgate do seguro de vida dela. Já é um motivo, não acham?

As amigas entreolharam-se. Carmem quebrou o silêncio:

- O que vamos fazer? Mesmo que ele tenha mentido sobre doença que não tinha, só para induzir a mulher ao suicídio, que provas temos disso?

Magda chamou a atenção pela palidez do rosto. O olhar admirado das amigas foi o gatilho para romper em lágrimas. Carmem a abraçou, Lídia ofereceu água. Gabriela deu-se conta do distanciamento prolongado e penitenciou-se por não tê-la procurado. Amenizada a crise, com voz ainda embargada, Magda falou:

- Flávio não está mentindo, ele está com AIDS, e eu também. Fui contaminada por ele, no dia em que Norma foi agredida. Sempre fui apaixonada por ele, não pude recusar seu pedido de refúgio. Ele atordoado com o sucedido, eu traumatizada com a colisão, ambiente perfeito para terminarmos na cama. Foi Norma que o contaminou. Ele só veio saber depois que já estava casado com Karina. Todos somos vítimas de Norma, que continua fazendo vítimas. Hoje, arrependo-me de ter salvado sua vida.

- Por que será, então, que Norma falou desse pacto de morte? Perguntou Carmem, achando que algo não se encaixava.

- Norma pode ter ainda raiva de Flávio pela agressão que sofreu. É possível que quisesse plantar suspeita contra ele. Dizem que alguns doentes de AIDS têm esse tipo de reação, revoltam-se pela doença e querem arrastar maior número possível de vítimas. Ponderou Gabriela.

Carmem interrompeu a recapitulação mental do que foi conversado naquele dia pela chegada de Flávio, vindo da cozinha com bandeja de refrescos. Estava feliz com a visita das amigas. Ao relatar a conversa que tiveram com Magda, em todos os pormenores, concluiu:

- Por isso, viemos procurá-lo, Flávio, para nos desculpar pelo mau juízo que fizemos de você e para nos solidarizar com seu sofrimento. Magda não pode vir, está acamada.

Visivelmente surpreso, Flávio exclamou:

- Com AIDS, eu? Vocês estão loucas? Não sabiam que Magda, depois do acidente, tem tido alucinações?

ESTEREÓTIPOS

*Se você obedecer a todas
as regras perde toda a
diversão. Katherine
Hepburn*

Longos anos percorri driblando a intimidade. Ele escondido na boêmia, eu no trabalho. Todos achavam que a estrada nunca mudaria. Correnteza de manhã chuvosa, torrencial como meu pranto, arrastou-me para outras paragens. Renasci.

Apostaram no meu ódio, ira, maldição. Sou apenas saudade. Nua como nasci.

Desconfiaram da genuinidade da euforia, do deslumbramento. Luas encheram e minguaram e ainda sinto o cheiro de novidade.

Olhos intensos colaram em mim.
Julgaram serem fugazes, feitos de outro barro.
Dias e noites continuam lapidando a escultura.

Fala-me você dos desgostos da meia
idade, a juventude perdida e tudo mais. O
tempo só me pesava quando era velha.

Formas e texturas forjadas na
experiência são arte, e, enquanto a entediante
previsibilidade não se confirma, o agora é
pleno e vivo. Sem estereótipos.

TEAR

Sou de um tempo sem dias
Venho de um lugar sem chão
Costume e roupa não havia
Palavra era embrião.

Lembro de um instante
Hora de tudo criado
Em que bastava existir
Para se sentir amado.

Pensar não era preciso
De onde hoje regresso
Em cada semblante inscrito
Havia todo o universo.

Volto e, de lá, não saí
Afinal, quem sou recordeo
Percebo então que viver
É apenas estar a bordo.

APEGO

*Depois de nos precavermos
contra o frio, a fome e a sede,
tudo o mais não passa de
 vaidade e excesso. Sêneca*

A empregada manchou o vestido preferido. Coleção de fotos de família destruída pelo mofo. Reforma do vizinho banhou o carro novo de tinta. Que apego é fonte de sofrimento não há dúvida. O que questiono é a origem dessa obstinação.

Ocorreu-me que o que leva pessoas a serem tão apegadas é a crença na carência. É possível que conservemos na memória registros ancestrais de grande privação de necessidades básicas. Carência afetiva gera necessidades fictícias. Temor de escassez nos aprisiona a lugares, empregos, situações e pessoas. Receamos não ter outra chance.

Em nome do que se acredita ser amor, muitos perdem o interesse pela vida. Romancistas enaltecem a morte por amor, quando, na verdade, morre-se por apego.

Aquele que está em harmonia com seu destino conhece meios de acessar a fonte de todas as coisas. Não se deixa aprisionar, pois

sabe que estamos naturalmente conectados e as coisas nos são disponibilizadas para facilitar a jornada em busca de nós mesmos.

O sentimento de carência está relacionado à falta de fé na vida. A um passo adiante, no caminho da felicidade, estará aquele que enfrenta desafios e aproveita oportunidades, motivado pela certeza da abundância.

CAMPO DA FARTURA

*A vida é assombro contínuo,
uma contínua bifurcação do
labirinto. Jorge Luís Borges*

Quando a estrada estiver difícil, e, cansado, pensar em desistir, pondere que na próxima curva pode estar o oásis que tanto busca.

Portanto, de suas vestes bata a poeira, levante do solo que lhe abrigou o desespero, e, no seu ritmo, prossiga a viagem com determinação.

Para encontrar o Campo da Fartura, que a todos acolhe, esteja no Caminho, acesse o portal da Sabedoria Divina e lembre quem você É.

DEVANEIO

Eu que pensava estar te conduzindo.
Precisei perder a bengala, para ver-te
correndo até uma réstia de luz, seguro e livre.
E aquela criança a te receber, quem era?

O peregrino faz do oásis intervalo,
nunca, destino. Que bom que o dia
amanheceu e tu ainda estás aqui.

MATERNIDADE

Na obra divina, a inscrição: desculpem o transtorno. Mães reformando almas e esculpindo esperança, para sua felicidade.

O Cosmo oferece a alma, o Útero o corpo, a Terra abrigo. Concepção, maturação do ovo, nascimento, tudo a seu tempo. Apurada sensibilidade é preciso na proteção e nutrição da frágil criatura. Paciência nas primeiras lições de auto-sobrevivência. Cuidados na estruturação da personalidade, educação e formação. Receita para um homem de bem.

Não é sem motivo que o Dia das Mães é tão festejado. Lembra a importância da dedicação, carinho e amor que devemos depositar em nossas criações. Símbolo do bem sucedido processo criativo. Ícone da sabedoria e pureza de sentimento. Expressão sofisticada dos atributos femininos, mitificada na Deusa da fertilidade, mãe Terra, mãe Oxum, Iemanjá e tantas outras. Louvem as mães. Congratulemo-nos, em especial, com a mãe que há dentro de cada um de nós.

CONFISSÕES MATERNAS

Não chora, bebê
Têm panos pra lavar
Não é hora de mamar
Sossega, vai dormir.

Acorda, menino
Aprende a andar
Comer o jantar
O tempo não pára.

Levanta, garoto
Escola lhe espera
Professor, colega
Informação tanta.

Agora é internet
Encontros virtuais
Diversões globais
Sussega, rapaz.

Filhos para criar
Diploma almejar
A vida no ar
Não vai acordar?

Não, não há mais tempo
Chefe quer planilha
As contas em pilha
Deixa esse café.

Corre, alguém, acode!
Filho, não é hora
Por Deus, não vá agora
Há muito a fazer.

(Reinventando a estória)

Filho meu, não chore
Ainda tens o peito
O colo refeito
Sossega, repousa.

É tempo de rir
Do mundo e de si
Ânimo, criança.

Ouve canção de ninar
Voz amorosa do pai
O som de ondas do mar.

Hora de deleite
Pipoca, sorvete
bala, pirulito

Flores vem ver
Estrela cadente
Lua nascer.

Ainda é o momento
De esquecer a dor
De se enternecer
Chance para o amor

LUGAR CERTO, HORA ERRADA

Algum motivo provocou o aumento da frequência do *self-service onde costume almoçar* e algumas pessoas passaram a reservar suas mesas, lá depositando bolsas, sacolas e até celulares.

Por algum tempo, procurei um lugar disponível, sem questionar tal atitude. Um dia, por não encontrar mesa vaga, tomei coragem e sentei a uma, onde havia pacotes, pronta para brigar por meu direito. Não tardou, e uma senhora aproximou-se, olhando-me com simpatia:

- Deixei os pacotes...

Não permiti que terminasse a frase, e desatei a falar:

- Minha senhora! A preferência é de quem já estava se servindo!

Ela continuou a me olhar, sorrindo, e disse:

- É... Eu já tinha ido embora e esqueci os pacotes...

RELIGIOSIDADE

Há somente uma religião: a religião do Amor. Há somente uma casta: a casta da humanidade. Há somente uma linguagem: a linguagem do coração. Há somente um Deus, e Ele é onipresente. Todas as religiões são caminhos diferentes que conduzem a destinos idênticos. Todos os devotos deveriam entender esta verdade e viver de acordo com ela. Sathya Sai Baba.

Todo ser humano tem, dentro de si, uma voz que clama por algo que transcende o fazer cotidiano. Vez por outra, por mais materialista que se seja, uma inquietação inexplicável domina a mente e o coração, uma insatisfação com a vida que se leva, algo pede mudança e exige que se pare para refletir.

Alguns chamam esses momentos de crise existencial; outros, de depressão; outros, ainda, de falta com que se ocupar, recomendando lavar uma trouxa de roupa, que passa.

A religiosidade ou o sentido de Deus permeia as nossas mais íntimas aspirações. O homem intui que há algo a ser buscado, a ser revelado, que explique ou dê sentido às eternas questões que a ciência ainda não conseguiu explicar, tais como: de onde vim, para onde vou, e o que estou fazendo aqui.

Várias são as doutrinas religiosas ou filosóficas a estudar, conceituar e explicar esses questionamentos. Todas com conteúdo moral, orientando o ser humano na busca de si mesmo e a melhor relacionar-se com o outro.

Penso que a vida, com sua característica dinâmica e impermanente, não pode ser orientada por uma única doutrina, cujos preceitos e diretrizes são imutáveis.

O que me leva a assim pensar é o fato das pessoas adotarem determinada religião, entretanto complementarem sua busca espiritual com outras filosofias e religiões. É comum, por exemplo, católicos freqüentarem centros espíritas.

O verdadeiro ensinamento conduz o homem ao constante aprendizado, está sempre o incentivando à observação, a

buscar respostas dentro de si, a evoluir em todas as dimensões. Observo que a lição, que assim preconiza, encontra-se em todas as doutrinas filosóficas e religiosas, invariavelmente. O que diverge entre os pensadores são informações acessórias, complementares que, para mim, servem de norte, de auxiliadora e aplico-as conforme a situação com a qual me defronto no dia-a-dia.

Por isso, não vejo incompatibilidade em nenhum ensinamento doutrinário ou filosófico, percebendo, em cada um deles, uma parte da realidade, o conjunto formando o todo. Lamento, portanto, que as diferenças gerem divergências, desentendimentos e crises nos relacionamentos humanos.

Incorporo todo ensinamento baseado na experiência e que ajude as pessoas a serem melhores, tendo a percepção de que, cada vez que minha consciência se ampliar, poderei sintetizá-lo, simplificá-lo e melhor aplicá-lo em meu benefício. Dinâmico, assim como a vida.

NATAL

Quem pode prever o além
ou compreender o presente?
Tempo de prosperidade,
Nas mesas, o pão ausente.

Tanto egoísmo velado
na confraternização.
Vantagens guiam escolhas,
deturpam a palavra irmão.

Enquanto são escolhidos
procuram por um sinal,
a multidão cumpre ritos,
não sabe o que é o Natal.

Quem não se sente tocado?
São tantos apelos no ar.
Consumo desenfreado
esconde a fome de amar

Louvados anjos anônimos
ativos serenam a dor.
Toda Nação em silêncio,
tempo de semear amor.

Cores e tons espalhados
adornam a alma desnuda.
Belos acordes de harpa
ninam esperança oculta

Lembrando Jesus em vida,
propagando a comunhão,
na paz do colo divino
demos fraternas as mãos

PÁSCOA

Para judeus, a travessia do deserto.
Para cristãos, a ressurreição.

Símbolo da superação humana, seja ao enfrentar os arroubos da natureza, seja na busca da sublimação do espírito.

Qual cobra que não lamenta abandonar a pele que cumpriu sua função, deixemos morrer com dignidade o homem velho e celebremos o nascimento do homem novo.

A FORÇA DA DISCIPLINA

Não elejo gurus. Seguir alguém é não saber ouvir a voz interior. É abrir mão do poder pessoal. É depositar o destino em mãos alheias.

Teorias ajudam a entender causas e efeitos, mas não dispensam esforço pessoal. O ensinamento está no exemplo. Observar aqueles que dão testemunho de amor, fraternidade, equilíbrio estimula a busca do caminho pessoal.

As grandes lições podem ser apreendidas através de pequenas atitudes, praticadas por pessoas anônimas. São as entrelinhas da caligrafia divina.

Tive o privilégio de acompanhar a trajetória de vida de um desses ícones. Sua tarefa? Disciplina. Descobriu e acreditou na sua missão de vida e manteve-se no caminho sagrado que lhe foi confiado.

O reconhecimento humano é chuva de verão, refresca em dias de calor, mas levanta mormaço que logo evapora a água precipitada. O tempo, entretanto, confirma as obras valorosas.

A ele meu preito de respeito e
admiração.

**(homenagem a Ciro da Penha no dia de seu
aniversário).**

A BÚSSOLA

O que me tranqüiliza é que tudo que existe, existe com uma precisão absoluta. O que for do tamanho da cabeça de alfinete não transborda nem uma fração de milímetro além do tamanho da cabeça de alfinete. Pena é que a maior parte do que existe com essa exatidão nos é tecnicamente invisível. O bom é que a verdade chega a nós com um sentido secreto das coisas. Nós terminamos adivinhado, confusos, a perfeição. Clarice Lispector.

Certos momentos há na vida em que perdemos o rumo. Em momento de crise, diante de tantas variáveis, exacerbamos os ânimos e superdimensionamos as circunstâncias. Uma parte de nós anseia por uma solução, enquanto outra fica paralisada. Ouvi uma amiga dizer que se sente, às vezes, correndo em câmara lenta. É uma imagem muito apropriada. Internamente a aceleração é grande, mas há uma barreira que bloqueia o impulso. Ainda quando estamos efetivamente correndo, percebemos tudo muito lento ao nosso redor. Estamos ausentes.

O grande consolo, quando se está assim, é a certeza de que tudo passa. A dinâmica do nosso Ser não permite a estagnação. Nosso instinto de sobrevivência e preservação é acionado, quando insuportável o conflito. Então, algum acontecimento nos sacode, tira-nos do estado de letargia. E aí é possível olhar o cenário do alto e o que estava confuso começa a fazer sentido.

É curioso como a mudança, aparentemente brusca, processa-se lentamente dentro de nós. Quando estamos prontos, as camadas de proteção são removidas, permitindo que a nova dimensão surja. Às vezes, antes que a transformação se manifeste, mudamos nossa aparência exterior. De toda a sorte, é um caminho sem volta. Podemos até repetir atitudes do passado, pelo mecanismo do condicionamento, mas nunca mais seremos os mesmos.

Estou de acordo com o pensamento que diz que não devemos concentrar-nos em defeitos, mas investirmos nas qualidades. Se algo nos é difícil, procuremos realizar o que não traz esforço. Então nos sentiremos úteis e capazes, fortaleceremos a confiança para superarmos os desafios. Quando estiver com dificuldade de concentração, procure uma atividade mecânica. Quando estiver cansada

fisicamente, exercite a mente. Mas nunca se entregue ao desânimo, não desista, porque a bússola sempre estará disponível para quem se dispõe a prosseguir no Caminho.

REFLEXÕES

Plano de saúde atrasado,
hipoteca vencida.
Estimulante para acordar,
tranquilizante para dormir.

Cadê o peito da mãe,
sorriso do pai
a chupeta?

Agenda sempre cheia,
planos a executar,
metas a cumprir.

Lembra quando você
jogava-se, sem hesitar,
nos braços do pai?

Do parto ao funeral, um segundo.

A TRIBO

Cem vezes por dia eu me lembro de que minha vida interior e minha vida exterior dependem do trabalho que outros homens estão fazendo agora. Por causa disso, preciso esforçar-me para retribuir pelo menos uma parte desta generosidade e não posso deixar nenhum minuto vazio.
Albert Einstein

Como explicar a amizade de pessoas tão diferentes, a união de pares tão opostos? O que mantém a convivência, ano após ano, apesar dos pensamentos, gostos e preferências tão divergentes?

Há sempre um ponto de interseção. Mas não é só isso. Fosse simples assim, a afinidade bastaria para se fazer parte da tribo. Algo mais profundo, sutil, incomensurável liga almas tão distintas. Uma energia que atrai, conecta e sustenta, apesar dos desafios, das diferenças. É a sintonia.

Em algum momento, já fomos muito próximos, a ligação aconteceu. No reencontro, sentimos a vibração familiar e nos reaproximamos. Quando mudamos a vibração, aqueles que ficaram para trás não

nos reconhecem. Tentamos trazê-los para junto, e nem sempre é possível. É um processo de seleção natural.

Há um ensinamento coletivo a ser assimilado. Enquanto o aprendizado não acontece, a conexão permanece. Quando um integrante do grupo parte para outra lição, o laço não se dissolve, apenas afrouxa.

São esses fios invisíveis que tecem a rede da evolução e que reforçam a união com o todo, tão aspirada por alguns e incompreensível para muitos.

Somos um elo. Fortaleçamos, então, a corrente.

O ENCONTRO

Um dia como tantos outros, as entediadas máquinas de musculação, a seqüência rotineira de exercícios, os mesmos freqüentadores. Por que razão me olhou diferente e eu me detive em você?

Eu e você com as mesmas queixas de tantos desapontados com o amor. Por que, então, sentimo-nos atraídos um pelo outro?

Medos e hesitações semelhantes. O que fez com que ficássemos juntos?

Idêntica sensação inquietante de sonhos e projetos ainda não realizados. Que motivo reacendeu a chama da esperança?

Um dia, descobrimos a intimidade, nela nos protegemos, nos nutrimos e esquecemos as perguntas para vivermos as respostas.

SAUDADE

*A saudade pôs os
cosmoramas das
lembranças nos meus
olhos. Valença Leal*

A imagem querida é construída com riqueza de detalhes. Multifacetada do olhar, ondular dos cabelos, recados faciais, peculiaridade dos gestos. Hálito, cheiro, sabor, temperatura, textura, sons. Cenas de episódios agradáveis.

Saudade contempla e enaltece. Reafirma sentimentos, mostra o tesouro que a rotina esconde. Existe para revelar, lembrar o que é importante e aumentar o prazer do reencontro.

O QUE É, O QUE É?

Primeiros anos, primeira escola. Pular academia, passar anel, lançar peão. Brincar de casinha, de boneca, de roda, de esconde-esconde, telefone sem fio. Empinar papagaio, andar em perna de pau, dançar bambolê, pular corda. Jogar iôô, pedrinhas, ferrão, chumbada. Escalar muro, telhados, subir em árvores. Jogar resta um, pega vareta, montar castelo de cartas de baralho.

Caderno de preferências, coleção de papel de carta. Violão na calçada, gírias, Beatles, flertes, melhor amiga. Primeiro diário, menstruação, salto alto, sutiã. Primeiro baile, primeiro amor.

Mudança de bairro, de escola, de amigos. Ingresso na faculdade, boates e bares. Primeiro emprego, casamento, filho.

Primeiros cabelos brancos, novo bichinho de estimação. Primeiro neto. Mudança de casa, de hábitos, de diversão. Perda de cabelos, de memória, de amigos. Primeiros passos para a Eternidade.

A TORRE

Urge que sejam rasgados códigos e convenções. Desmascarar mitos e utopias. Queimar símbolos, ícones, emblemas e flâmulas.

Indispensável é anular sistemas, ideologias, doutrinas e dogmas. Destruir paradigmas, valores, crenças e convicções.

Pelo vácuo de idéias ser sugado, flutuar no vazio da mente, precipitar-se no abismo do nada é preciso, para, no útero cósmico, ser a alma divina concebida.